

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição: proposta de mediação cultural

José Filipe Pereira Neves da Silva¹
jfsilva@uevora.pt

Resumo

A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, que representa mais de metade da área da cidade da Póvoa de Varzim, é composta por seis templos religiosos. Esta comunicação tem como objetivo dar a conhecer a proposta, ainda em fase embrionária, de valorização do seu Património Cultural, enfocando essa análise no âmbito da educação em contexto museológico.

Atendendo ao explicitado, neste texto apresentam-se algumas sugestões nesse domínio, avaliando a situação presente e perspetivando o futuro, havendo a convicção de que esta sugestão contribuirá para consolidar Turismo Religioso nesta localidade. Sabendo-se que os museus da igreja católica estão essencialmente direcionados para a sua missão pastoral e que toda a sua atividade deve gravitar em redor dela, torna-se premente delinearem-se estratégias de mediação cultural conducentes para, por um lado, não se desviar desse objetivo e, por outro, pensar nos vários segmentos de públicos que fruem esses bens.

Neste contexto, partindo do assimilado em concretizações idênticas à preconizada, quer através de visitas a esses locais, quer de literatura consultada, dar-se-ão a conhecer alguns dos propósitos pensados para este projeto, que estará sustentado na interpretação do Património Material (Imóvel e Móvel) e do Património Imaterial. Para tal, abordar-se-ão tópicos umbilicalmente correlacionados com esse fim, discorrendo-se sobre as orientações elencadas.

PALAVRAS-CHAVE: Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Património Cultural, Mediação Cultural.

¹ Investigador Integrado do Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades (Universidade de Évora – Portugal).

Investigador da Cátedra UNESCO em Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional: Interligar Patrimónios (Universidade de Évora – Portugal).

Póvoa de Varzim: contextualização histórica e geográfica

O território onde se localiza o município da Póvoa de Varzim foi ocupado, de um modo mais efetivo, entre o quarto milénio e o início do segundo milénio a.C., existindo ainda evidências dessa ocupação. Em março de 1308, D. Dinis concede-lhe a sua primeira Carta de Foral, tendo D. Manuel I outorgado a segunda em 1514. Foi também no século XIII que despontou o núcleo urbano da *Vila Nova*². Nos dois séculos seguintes, continuou a ser um aglomerado populacional modesto, em termos demográficos e de superfície, tendência que se inverteu no início do século XVIII, tendo o florescimento do turismo balnear sido uma das consequências dessa inflexão³.

A Póvoa de Varzim, onde atualmente residem cerca de 35.476 habitantes⁴, está estrategicamente localizada no noroeste de Portugal, na zona de transição entre o Douro Litoral e o Minho. A nível rodoviário é perpassada por vários eixos estruturantes, que a tornam praticamente equidistantes de cidades como Barcelos, Braga, Guimarães, Porto e Viana do Castelo, estando também próxima da fronteira com a Galiza (Espanha).



Imagem 1. Localização da Póvoa de Varzim, no contexto da Península Ibérica (à esquerda)

Imagem 2. Localização da Póvoa de Varzim, no contexto do noroeste de Portugal (à direita)

@ Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

² Na zona ocupada pelo núcleo central da atual Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

³ Dois trabalhos de investigação que temporalmente se complementam apresentam-nos detalhadamente a evolução da paisagem da Póvoa de Varzim (cf. AMORIM, Manuel. *A Póvoa Antiga. Estudos sobre a Póvoa de Varzim séculos X-XVI*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2003; AMORIM, Sandra Araújo de. *Vencer o mar, ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004).

⁴ Estamos a falar somente na união de freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai, porque se alargarmos a análise para o município, esse número aumenta para 64.320 habitantes (dados recolhidos do Instituto Nacional de Estatística, Censos 2021).

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição

Eclesiasticamente pertence à Arquidiocese de Braga, faz parte do Arciprestado de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim e, dentro do perímetro da cidade, existem três paróquias: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Lapa e São José de Ribamar. Entre estas, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição é a maior, ocupando mais de metade da área urbana e acolhe, sensivelmente, metade da sua população. Nessa circunscrição está localizada a maior parte dos templos religiosos da Póvoa de Varzim: Igreja de Nossa Senhora da Conceição⁵, Igreja de Nossa Senhora das Dores, Igreja da Misericórdia, Basílica do Sagrado Coração de Jesus, Capela do Senhor do Bonfim e Capela de Nossa Senhora de Belém. É também nos templos religiosos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, nomeadamente na Igreja Matriz, que estão sedeadas muitas das confrarias deste aglomerado urbano.



Imagem 3. Limites da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição
@ Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Legenda: 1. Igreja Matriz 2. Igreja de Nossa Senhora das Dores 3. Igreja da Misericórdia
4. Basílica do Sagrado Coração de Jesus 5. Capela do Senhor do Bonfim 6. Capela de Nossa Senhora de Belém

⁵ Doravante denominada Igreja Matriz.

Proposta de mediação cultural

Estado da Arte

Na proposta a apresentar, ainda em fase muito embrionária, sugerir-se-á a constituição de espaços museológicos, distendidos pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, com distintas tipologias – arte sacra, acervo biográfico, património hospitalar e fundos documentais – nas modalidades *in situ*, por via essencialmente da interpretação dos altares e das capelas exteriores dos templos existentes⁶, ou deslocalizada, incidente sobre bens móveis, em edifícios de génese civil, construídos de raiz ou adaptados para o efeito⁷.

Atualmente, na Igreja Matriz há uma sala de reserva, que não é de acesso público regular, com objetos diversos, e na Santa Casa da Misericórdia existe um imóvel de dois pisos, com uma interessante coleção que, todavia, contrariamente ao que está mencionado à entrada, não é museu, pois não cumpre os requisitos para tal, estando mais próximo do conceito de coleção visitável⁸. A acessibilidade a estas salas, para pessoas com dificuldade de locomoção ou que necessitem de dispositivos para se fazerem deslocar, é dificultada por vários degraus e pela ausência de mecanismos que permitam esbater essas barreiras.

Está a ser construída uma futura área museológica no espaço contíguo à Igreja Matriz, que será dedicada aos priores da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e à História da Igreja, nomeadamente os tempos litúrgicos, podendo também ser dado enfoque à Quaresma, à Semana Santa e ao Corpo de Deus, atos devocionais com grande expressão na Póvoa de Varzim⁹. No

⁶ Em relação à Igreja Matriz salientar um trabalho com contributos superlativos para o que é proposto neste artigo no que respeita à interpretação do património cultural imóvel e móvel (cf. CARNEIRO, Deolinda; FLORES, José. *A Igreja Matriz da Póvoa de Varzim*. Braga: Instituto de História e Arte Cristãs, 2007). Num espectro mais amplo aludir à compilação de textos de vários investigadores, que nos permitem perceber as boas práticas de interpretação do Património Religioso (cf. SALDANHA, Sandra Costa (coord.). *Guia de Boas Práticas de Interpretação do Património Religioso*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja/ Turismo de Portugal, 2014).

⁷ Para além da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, é expectável que a Santa Casa da Misericórdia também faça parte deste desígnio, daí advindo duas entidades tutelares, consoante o proponente dessa iniciativa museológica.

⁸ «*Em verdade, a maioria dos museus eclesiásticos evidencia ainda alguma insciência quanto à noção de museu – tal como está definida pelo ICOM e aceite pela comunidade científica –, sem uma compreensão aprofundada das implicações que dela resultam nem um conhecimento das correntes e dos avanços teóricos que vêm fundamentando as entidades museológicas.*» (COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da. *Museologia da Arte Sacra em Portugal. (1820-2010). Espaços, Momentos, Museografia*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011, p. 520. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/18833>).

⁹ Deolinda Carneiro elaborou um interessante estudo sobre a história, características, programas e identidades própria das procissões da Póvoa de Varzim, como reflexo de vivência religiosa, cultural e social, e a importância que aquelas tiveram na evolução urbana e no desenvolvimento do turismo balnear desta localidade, entre o final do século XIX e o equador de século XX (cf. CARNEIRO, Maria Deolinda Veloso. *As Procissões na Póvoa de*

futuro, é expectável que outros edifícios possam ser consignados a este fim, considerando-se pertinente a constituição de dois centros interpretativos: um da Quaresma/Semana Santa, tutelado pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, e um outro dedicado à Santa Casa da Misericórdia, por ela tutelado.



Imagem 4. Sala de reserva da Igreja Matriz (à esquerda)

Imagem 5. Acesso à área expositiva da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim (à direita)

Imagem 6. Futuro espaço museológico (1.º piso) junto à Igreja Matriz (em baixo)

@José Filipe Silva (2021)

Como conciliar a missão pastoral e cultural

Os museus da igreja católica apresentam características específicas que os diferenciam de outras instituições museológicas, ainda que tuteladas por outras entidades e com coleções de características semelhantes. Essas diferenças podem ser consubstanciadas no compromisso pastoral, que deve nortear toda a sua atividade. Assim, a sua missão, metas e objetivos, bem como o desenvolvimento de todas as funções que são inerentes a qualquer instituição

Varzim (1900 – 1950). Imaginário Religioso e Piedade colectiva, vol. I, II e III. Dissertação de Mestrado Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/14978>).

museológica, devem estar direcionados para aquilo que é o propósito da igreja – veicular e difundir a palavra de Deus¹⁰.

Descontextualização do objeto religioso

Quando os objetos religiosos perdem o seu valor funcional e são colocados fora do seu âmbito original, há a necessidade de os tornar inteligíveis a quem os frui. Porém, a deslocalização desses bens retira uma leitura plena da utilização desse objeto, num quotidiano de outrora. Por essa razão, a interpretação disponibilizada pelos museus não é a mesma, apesar de utilizarem estratégias, nomeadamente através do programa museológico, capazes de tornar esse acervo o mais inteligível possível¹¹, evitando-se a tentação de o transformar apenas em obras de arte¹².

Outrossim, perdido o valor circunstancial de um bem sobrepõe-se o seu valor intrínseco, sendo os museus as entidades capazes de prover a sua efetiva salvaguarda, diminuído deste modo os riscos inerentes à sua perda, potenciada por fatores inerentes ao testemunho, por exemplo, perecimento, ou por fatores externos, como por exemplo, o abandono ou a alienação. Neste âmbito, a arte sacra, na qualidade de acervo museológico, pode ter três destinos: ser incluída no âmbito museológico, em consequência da perda do seu valor de uso; apesar de manter os atributos de sacralidade e funcionalidade pode, durante um determinado período de tempo, ser transformado em peça de museu; por último, os objetos sacros contidos em museus que, pontualmente, regressam à função cultural¹³.

Fatores de inteligibilidade do objeto religioso

Qualquer programa museológico assenta em torno de duas premissas complementares: o objeto e o público e da relação que se estabelece entre eles. Dessa associação decorre o sucesso desse programa museológico, que depende do conhecimento que temos acerca dessas duas variáveis: a primeira relacionada com aspetos intrínsecos dos objetos e das conexões que se estabelecem entre eles, e a outra, com aspetos relativos à forma como os visitantes fruem, percebem e avaliam o discurso expositivo. No caso dos museus com acervo religioso, estes fatores têm

¹⁰ Cf. AFONSO, André das Neves. *Museus da Igreja. Missão pastoral e cultural*. Lisboa: PAULUS Editora, 2015, p. 13.

¹¹ Veja-se o caso da deslocalização de elementos constitutivos de um altar para um museu, que não nos permite ter a perceção da relação entre essa peça e o seu entorno espacial.

¹² O evidenciado neste parágrafo foi devidamente fundamentado numa obra que nos possibilita entender, de um modo clarividente, a relação entre o museu e o sagrado (cf. ROQUE, Maria Isabel. *O Sagrado no Museu*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011, pp. 225-233).

¹³ Cf. COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da, *Museologia...*, op. cit., pp. 507-510.

proeminente relevância, em virtude daquele não ser, no imediato, assimilado¹⁴ pela maior parte dos visitantes, em razão de a sua mensagem ser essencialmente simbólica¹⁵.

Simbiose entre Património Material e o Património Imaterial

Se é verdade que nem todos os museus, atendendo à sua particularidade tipológica, estão habilitados para direcionar a sua atividade para o Património Cultural Imaterial¹⁶, os museus da igreja cumprem esse intento. Atualmente, os museus com esta especificidade expositiva dão especial atenção ao conteúdo imaterial e à recontextualização do objeto em relação à sua pretérita função religiosa, tendo em conta um conjunto de fatores de natureza objetiva e subjetiva, que permitem correlacionar o seu valor intrínseco e de uso com a sua finalidade museológica¹⁷. Deste modo, ao conteúdo material do objeto, é necessário atender à sua vertente imaterial, através de ritos litúrgicos ou atos devocionais¹⁸.

Pelo exposto, o envolvimento da população, que em tempos idos vivenciaram tradições assentes essencialmente na oralidade, hoje desaparecidas, é importante para transmitir esses saberes às gerações mais novas, para que esse legado imaterial permaneça vivo. Por essa razão, na proposta de reconversão patrimonial e museológica apresentada neste texto, a história oral terá de assumir uma relevância superlativa. O registo em arquivo – escrito e audiovisual – dos testemunhos de pessoas que já desde há muitas décadas participam nessas manifestações, nomeadamente em procissões, e que revelam a identidade religiosa desta comunidade, permitirá a sua salvaguarda, transmitir informação e ser complemento à interpretação dos bens materiais¹⁹.

¹⁴ «A arte sacra é, antes de tudo, arte sacra e, por isso, mesmo que portadora de valor histórico, artístico, antropológico e cultural, é indissociável da sua relação com o culto e das suas dimensões espiritual e religiosa.» (ibidem, p. 515).

¹⁵ Cf. ROQUE, Maria Isabel, *O Sagrado...*, op. cit., pp. 252-262.

¹⁶ Ana Carvalho abordou esta problemática de um modo bastante explícito, por via de interrogações pertinentes, dando exemplos de tipologias museológicas em que essa conexão pode e deve ser estabelecida (cf. CARVALHO, Ana. *Os Museus e o Património Cultural Imaterial. Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*. Lisboa: Edições Colibri/ CIDEHUS – Universidade de Évora, 2011, pp. 118-122).

¹⁷ «“Mais difíceis de compreender, os objectos religiosos necessitam, mais do que os outros, de ser explicados porque são portadores de simbólicas mais ricas e mais diversificadas e também porque, para a maior parte das pessoas, a distância cultural entre a sua cultura e a cultura religiosa dos séculos passados é mais profunda do que o é para a cultura material.”» (LAUTMAN, Françoise, cit. in. ibidem, p. 266).

¹⁸ Cf. ibidem, p. 254.

¹⁹ «Efetivamente, a recolha de testemunhos orais contribui para a busca dos significados e memórias de um determinado objecto ou colecção, como também pode ser um importante recurso para identificar as tradições e a complexa teia de valores identitários de uma determinada comunidade.» (CARVALHO, Ana, *Os Museus...*, op. cit., p. 146).

Importância do Serviço Educativo

Na definição do ICOM sobre o conceito de museu está, entre outros pressupostos, explicitado o dever de Educação²⁰. Daí dever-se atender à importância do Serviço Educativo²¹ para acolher os diferentes tipos de públicos, concertando-se estratégias comunicacionais para cada um desses segmentos, tendo em atenção que, se por um lado têm características convergentes, por outro têm necessidades específicas²². Sendo este o departamento que mais directamente contacta com os públicos, é também o que mais contribui para o aumento do conhecimento acerca do museu, do seu acervo e, por inerência, o que mais influencia os seus comportamentos e expectativas²³. Pelo exposto, podemos afirmar que, em qualquer museu, a função educativa deve ser tão importante como as restantes, em razão de esta ser o meio pelo qual essas instituições contactam e transmitem aos seus públicos a mensagem que pretendem veicular através do seu espólio.

O Plano de Ação Educativa está umbilicalmente ligado ao Serviço Educativo²⁴, procurando-se, por via deste documento, configurar a planificação da acção e identificar as competências do seu Serviço Educativo, num determinado período de tempo²⁵. A sua elaboração requer o conhecimento profundo da instituição, bem como a definição de metas e objetivos a seguir, configurando a sua aplicação vantagens de carácter concetual e prático²⁶. Por outro lado, a sua execução objetiva facilitar a tarefa de quem tem a incumbência de delinear ou gerir este departamento, envolvendo toda a equipa na concretização desses projetos²⁷. Este Plano deverá

²⁰ Item especificado na Lei Quadro dos Museus Portugueses (cf. Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, *Diário da República*, I Série-A, n.º 195, Capítulo II, Secção VIII, Artigo 43.º, p. 5384).

²¹ A terminologia Serviço Educativo «(...) corresponde a uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve acções dirigidas ao público, com objectivos educativos.» (CAMACHO, Clara Frayão. “Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspectivas”. In BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coords.). *Serviços Educativos na Cultura*. Porto: SETEPÉS, 2007, p. 28).

²² Cf. HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Los museos y sus visitantes*. Gijón: Ediciones Trea, 1998, p. 117.

²³ «*Learning is the reason people go to museums, and learning is the primary “good” that visitors to museums derive from their experience. (...) Museums are places to discover the past, present and future of humanity (...), where the public can seek and find meaning and connection.*» (FALK, John Howard; DIERKING, Lynn Dian, *cit. in.*, CARVALHO, Ana, *Os Museus...*, *op. cit.*, p. 155).

²⁴ Devemos aqui incluir os conceitos de Curadoria Educativa/Pedagógica e Curadoria de Visitantes, essenciais para a prossecução do processo de mediação com os públicos (cf. ALDEROQUI, Silvia. “Elogio de los visitantes”. In. RECA, María Marta; BIALOGORSKI (comps.). *Museos y sus visitantes. Ensayos sobre estudios de públicos en Argentina*. Buenos Aires: ICOM Argentina, 2017, p. 98. Disponível em: https://www.academia.edu/34211978/Elogio_de_los_visitantes).

²⁵ Cf. BARRIGA, Sara. “Plano de Acção Educativa: alguns contributos para a sua elaboração”. In. BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coords.). *Serviços Educativos na Cultura*. Porto: Setepés, 2007, p. 44.

²⁶ Cf. *ibidem*, p. 45.

²⁷ Cf. *ibidem*, pp. 44-45.

incidir sobre vários domínios direcionados para o interior e para o exterior da instituição: política educativa, programa pedagógico, programa académico, programa de difusão cultural, programa de publicações, programa de capacitação para docentes, programa de capacitação interna dos colaboradores e programa de investigação sobre públicos²⁸.

Para os museus do século XXI, além da conservação e do estudo, a comunicação, que cada vez mais tem de estar direcionada para ir ao encontro da vontade dos seus visitantes, é essencial para o cumprimento da sua missão junto destes. Por esse motivo, conhecer os públicos-alvo²⁹ será um precioso auxílio para a prossecução das boas políticas educativas do museu, indo ao encontro das suas expectativas, motivações e necessidades³⁰ – culturais, educativas ou sociais – com o intuito de os fidelizar ao Museu da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição³¹ e, a partir daí, gizar convenientemente as políticas educativas e atividades pedagógicas desta unidade museológica³². Neste contexto, não sendo os conteúdos desta tipologia museológica facilmente apreendidos por esses públicos, terá de se recorrer a várias estratégias: encenação museográfica, informação textual, legendas, textos informativos, fichas de comentário, roteiros, catálogos, publicações científicas e informação digital.

Entre os públicos acima enumerados, as pessoas com necessidades especiais³³ – permanentes ou temporárias – deverão merecer particular atenção, sem no entanto se destacar esse aspeto. Para esbater essas dificuldades, o Museu da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, que se pretende que venha a ser um espaço de inclusão, terá de estar devidamente equipado a nível de infraestruturas e do circuito expositivo, para os receber.

²⁸ Proposta decalcada do adotado para a política educativa do Museu Nacional da Colômbia (cf. DIVISIÓN EDUCATIVA DEL MUSEO NACIONAL DE COLOMBIA. “Política Educativa del Museo Nacional de Colombia”. In. LÓPEZ BARBOSA, Fernando (coord.). *La educación en el museo*. Bogotá: Ministerio da Cultura/Museo Nacional de Colombia, 2001, pp. 62-65).

²⁹ Embora seja ainda muito precoce, é possível segmentá-los, em relação ao projeto pensado: grupos escolares e da catequese, adultos, turistas, pessoas com necessidades especiais, voluntários e públicos potenciais.

³⁰ Numa obra de referência da museologia, são-nos apresentados contributos que elencam no que preconizamos nesta temática (cf. RIVIÈRE, George Henri. *La Museología*. Madrid: Ediciones Akal, 1993, pp. 383-392).

³¹ Apesar de se cogitar a existência de várias extensões museológicas nessa circunscrição religiosa, esta denominação, que nos apresenta uma visão holística do que se pretende desenvolver, prevalecerá ao longo deste texto.

³² O Serviço Educativo, em razão do contacto directo com os públicos, está em condições de poder aferir, junto destes, algumas especificidades capazes de contribuir para os conhecer melhor, assim como os seus comportamentos e expectativas em relação ao museu.

³³ Item especificado na Lei Quadro dos Museus Portugueses (cf. Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, *Diário da República*, I Série-A, n.º 195, Capítulo II, Secção VIII, Artigo 43.º, p. 5386).

Hoje, alguns obstáculos, nomeadamente arquitectónicos e deficiências de comunicação diversas, impedem parte da população, em razão de qualquer incapacidade visual, locomotora e psíquica³⁴, ou fatores de natureza financeira, social, cultural ou intelectual, de fruir, na plenitude, o circuito expositivo dos museus. Para que esta situação não venha a ocorrer nesta valência cultural, será essencial apetrechá-la de meios capazes para ajudar a atenuar as eventuais dificuldades sentidas pelos seus visitantes, quer no que respeita às acessibilidades, quer na fruição do que é apresentado. Por outro lado, o estabelecimento de parcerias com associações ou entidades que representem estes cidadãos será de extrema utilidade para auscultar sugestões e ter um melhor conhecimento acerca deles .

O Museu da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição deverá atender a todos os detalhes para que nada impeça esses públicos de o visitar. Assim, tudo o que precisarem a nível logístico, quer no exterior dos edifícios – estacionamento, passeios e vias de acesso – quer no seu interior – portas, corredores, escadas, elevadores e plataformas elevatórias, desníveis e rampas, sinalética, expositores, balcões, mesas, áreas de descanso e casas de banho – terá de estar adaptado às suas conveniências³⁵. No que respeita ao circuito expositivo, o mesmo estará moldado conforme as diferentes especificidades e a informação será veiculada em distintos formatos³⁶, disponibilizando-se ainda formas de acesso táctil ao acervo³⁷.

A colaboração com o sistema de ensino³⁸ pode ser entendida numa dupla perspetiva: acolher estudantes estagiários para desenvolverem projetos ou investigações em torno das atividades do museu ou receber visitas de grupos escolares e de turmas da catequese, que complementarão o assimilado na sala de aula. Pelo exposto, deverá ser pensada a importância que os professores

³⁴ Cf. MINEIRO, Clara. *Guia de Boas Práticas de acessibilidade. Comunicação inclusiva em Monumentos Palácios e Museus*. Lisboa: Turismo de Portugal. I.P./Direção geral do Património Cultural, 2017, pp. 20-34. Disponível em: https://www.acessibilidade.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/2017_com_inclusiva_monumentos_palacios_museus.pdf

³⁵ Cf. MINEIRO, Clara (coord.). *Temas de Museologia. Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação, 2004, pp. 21-67. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/acessibilidades/ipm_2004_museus_e_acessibilidade.pdf

³⁶ Ampliações visuais e sonoras, *braille*, gravações áudio e vídeo e multimédia.

³⁷ O Museu da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição deverá dar primazia ao contacto direto com as peças originais, na medida em que estas têm mais interesse do que as réplicas. Mas poderão existir situações em que, para salvaguarda desses objetos, ou sua melhor percepção, em razão da sua dimensão, se façam miniaturas e/ou ampliações.

³⁸ Item especificado na Lei Quadro dos Museus Portugueses (cf. Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, *Diário da República*, I Série-A, n.º 195, Capítulo II, Secção VIII, Artigo 43.º, p. 5384).

e catequistas terão na mediação desse processo³⁹. A sua atitude perante o museu, bem como a postura ou a ideia que tenham sobre ele, condicionará o método didático utilizado, com reflexos nos conhecimentos e atitudes dos alunos⁴⁰.

Os colaboradores do museu, adstritos ao Serviço Educativo, que entre outras competências terão de ser educadores-didatas-comunicadores⁴¹, quando contactados pelas escolas para acompanhar uma visita em contexto de ensino não formal⁴², deverão sensibilizar os seus docentes para, num primeiro momento, se inteirarem da realidade expositiva. Neste âmbito, será necessário ajustar os seus conteúdos, material informativo e didático às áreas curriculares leccionadas e às especificidades dos outros grupos que aí afluirão.

Todavia, esta congregação de esforços e simbiose entre ambas as instituições só se logrará alcançar se, entre elas, existirem estratégias convergentes. Uma ida ao museu deve ser muito mais do que apenas isso, pois os conhecimentos que os alunos aí adquirem são muito importantes para a validação pedagógica dessa visita⁴³, pretendendo-se também que a mesma espolete neles atos de reflexão em lugar de posturas contemplativas⁴⁴.

Deste modo, será possível a observação direta e real de conteúdos abordados na sala de aula. Nesta linha de pensamento, enfatizar que deve ser dada prevalência à qualidade do acervo em detrimento da quantidade, dado que desta forma a assimilação do que se pretende veicular será mais profícua, evitando-se que o visitante se perca entre a informação disponibilizada e os objetos expostos⁴⁵.

³⁹ Neste sentido, a mediação é percebida como: «[...] *d'une stratégie de communication à caractère éducatif qui mobilise autour des collections exposées des technologies diverses, pour mettre à la portée des visiteurs des moyens de mieux comprendre certaines dimensions des collections et de partager des appropriations...*» (DESVALLÉES, André ; MAIRESSE, François (dir.). *Concepts clés de Muséologie*. Paris: Armand Colin, 2010, p. 45. Disponível em: <https://www.icom-musees.fr/ressources/concepts-cles-de-museologie>). Apesar de existir uma versão portuguesa da obra, decidimos manter o texto no seu idioma original.

⁴⁰ Cf. GARCÍA BLANCO, Ángela. *Didáctica del Museo. El descubrimiento de los objetos*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1988, p. 38.

⁴¹ Cf. PADRÓ, Carla. “Educación en museos: representaciones y discursos”. In SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coords.). *Museus, discursos e representações*. Porto: Edições Afrontamento, 2005, p. 53.

⁴² A este respeito podemos falar da conveniência de se prover a alfabetização museológica dos alunos, para que possam ter acesso a informação que vá para além do que é exibido: a forma como a exposição foi concebida, qual o acervo selecionado, a sua origem e dados mais concretos sobre o circuito de visita (cf. BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. “Desafios e perspectivas para educação museal”. In. GOMES, Ana Lúcia de Abreu; BRITTO, Clovis Carvalho; MAGALDI, Monique Batista (edit.). *Museologia & Transdisciplinaridade*, vol. 6, n.º 12. Brasília: Universidade de Brasília, jul./dez. 2017, p. 61. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v6i12.16332>).

⁴³ Cf. GARCÍA BLANCO, Ángela, *Didáctica...*, op. cit., p. 36.

⁴⁴ Cf. BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes, “Desafios...”, p. 60.

⁴⁵ Cf. HOOPER-GREENHILL, Eilean, *Los museos...*, op. cit., p. 211.

No processo de mediação cultural, a legendagem é outra componente muito importante em qualquer exibição museológica. Explicitada convenientemente, é um excelente instrumento de apoio para todos os visitantes, ajudando a torná-la mais inteligível, sem recurso à linguagem verbal. Nesse sentido, no Museu da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição será essencial delinearem-se estratégias comunicacionais bem definidas a nível narrativo, no momento da sua elaboração: a utilização de linguagem clara, concisa e objetiva, dirigida especialmente para o(s) seu(s) público(s)-alvo; a hierarquização adequada da informação; a construção de orações simples, com uma só ideia por parágrafo; certificar-se da legibilidade do texto; a alternância equilibrada entre o uso de maiúsculas e minúsculas; limitar o número de caracteres por texto que deverá estar alinhado à esquerda; evitar a translineação e colocar essa descrição em forma de poema⁴⁶.

O Museu da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição poderá também ir à escola ou a outras instituições que o solicitem, inserindo-se essa ação no seu programa de exposições itinerantes. Com vista a esse objetivo deverão produzir-se materiais pedagógicos, como por exemplo maletas pedagógicas ou edições didáticas, capazes de aproximar esses públicos dos conteúdos do museu, sendo exequível apresentar-se algum do seu acervo móvel. Atividades relacionadas com a História Local, nomeadamente a rememoração de manifestações religiosas, como as solenidades da Semana Santa e as celebrações da Páscoa ou do Corpo de Deus, devem igualmente ser pensadas, tanto mais que poder-se-ão obter depoimentos de pessoas que em tempos idos as vivenciaram.

Hoje em dia, os museus têm de ser cada vez mais lugares de partilha de experiências sensoriais e cognitivas – *minds-on, hands-on, hearts-on* – o que permitirá ao visitante vivificar as suas faculdades de imaginação, sensibilidade, curiosidade intelectual e de associação mental⁴⁷. Dessa forma será possível ter um museu, menos vertical, mais dialogante, participativo, inclusivo e promotor da cidadania ativa.

⁴⁶ Para sustentar o explicitado enumerem-se algumas obras e artigos de referência sobre o tema: cf. HOOPER-GREENHILL, Eileen, *Los museos...*, op. cit., pp. 157-187; SERRELL, Beverly. *Exhibit Labels. An Interpretive Approach*. Walnut Creek: AltaMira Press, 1996, pp. 9-36; TRENCH, Lucy. “O Texto nas Exposições do V&A”. In CAMACHO, Clara Frayão (coord.). *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, n.º26. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação, 2007, pp. 10-13.

⁴⁷ No entendimento de alguns investigadores os museus têm de deixar de ser lugares de aprendizagem, para se transformarem em lugares de educação (cf. SEMEDO, Alice, Ferreira, Inês. “Museologia e Museus: desafios para a construção de territórios colaborativos”. In. LOPES, João Teixeira (dir.). *Sociologia: revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. 21. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p. 99. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9863.pdf>

Bibliografia

Legislação

Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, *Diário da República*, I Série-A, n.º 195.

Literatura consultada

AFONSO, André das Neves. *Museus da Igreja. Missão pastoral e cultural*. Lisboa: PAULUS Editora, 2015.

ALDEROQUI, Silvia. “Elogio de los visitantes”. In. RECA, María Marta; BIALOGORSKI (comps.). *Museos y sus visitantes. Ensayos sobre estudios de públicos en Argentina*. Buenos Aires: ICOM Argentina, 2017, pp. 95-121. Disponível em: https://www.academia.edu/34211978/Elogio_de_los_visitantes

AMORIM, Manuel. *A Póvoa Antiga. Estudos sobre a Póvoa de Varzim séculos X-XVI*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2003.

AMORIM, Sandra Araújo de. *Vencer o mar, ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004.

BARRIGA, Sara. “Plano de Acção Educativa: alguns contributos para a sua elaboração”. In. BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coord.). *Serviços Educativos na Cultura*. Porto: Setepés, 2007, pp. 43-56.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. “Desafios e perspectivas para educação museal”. In. GOMES, Ana Lúcia de Abreu; BRITTO, Clovis Carvalho; MAGALDI, Monique Batista (edit.). *Museologia & Transdisciplinaridade*, vol. 6, n.º 12. Brasília: Universidade de Brasília, jul./dez. 2017, pp. 54-67. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v6i12.16332>

CAMACHO, Clara Frayão. “Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspectivas”. In BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coords.). *Serviços Educativos na Cultura*. Porto: SETEPÉS, 2007, pp. 26-41.

CARNEIRO, Maria Deolina Veloso. *As Procissões na Póvoa de Varzim (1900 – 1950). Imaginário Religioso e Piedade colectiva*, vol. I, II e II. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/14978>

CARNEIRO, Deolinda; FLORES, José. *A Igreja Matriz da Póvoa de Varzim*. Braga: Instituto de História e Arte Cristãs, 2007.

CARVALHO, Ana. *Os Museus e o Património Cultural Imaterial. Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*. Lisboa: Edições Colibri/ CIDEHUS – Universidade de Évora, 2011.

COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da. *Museologia da Arte Sacra em Portugal.(1820-2010). Espaços, Momentos, Museografia*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 507-510. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/18833>

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). *Concepts clés de Muséologie*. Paris: Armand Colin, 2010. Disponível em: <https://www.icom-musees.fr/ressources/concepts-cles-de-museologie>

DIVISIÓN EDUCATIVA DEL MUSEO NACIONAL DE COLOMBIA. “Política Educativa del Museo Nacional de Colombia”. In. LÓPEZ BARBOSA, Fernando (coord.). *La educación en el museo*. Bogotá: Ministerio da Cultura/Museo Nacional de Colombia, 2001, pp. 62-65.

GARCÍA BLANCO, Ángela. *Didáctica del Museo. El descubrimiento de los objetos*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1988.

HOOPE- GREENHILL, Eilean. *Los museos y sus visitantes*. Gijón: Ediciones Trea, 1998.

MINEIRO, Clara (coord.). *Temas de Museologia. Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação, 2004. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/acessibilidades/ipm_2004_museus_e_acessibilidade.pdf

_____. *Guia de Boas Práticas de acessibilidade. Comunicação inclusiva em Monumentos Palácios e Museus*. Lisboa: Turismo de Portugal. I.P./Direção geral do Património Cultural, 2017, pp. 20-34. Disponível em: https://www.acessibilidade.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/2017_com_inclusiva_monumentos_palacios_museus.pdf

PADRÓ, Carla. “Educación en museos: representaciones y discursos”. In. SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coords.). *Museus, discursos e representações*. Porto: Edições Afrontamento, 2005, pp. 49-59.

RIVIÈRE, George Henri. *La Museología*. Madrid: Ediciones Akal, 1993.

ROQUE, Maria Isabel. *O Sagrado no Museu*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

SALDANHA, Sandra Costa (coord.). *Guia de Boas Práticas de Interpretação do Património Religioso*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja/ Turismo de Portugal, 2014.

SEMEDO, Alice, Ferreira, Inês. “Museologia e Museus: desafios para a construção de territórios colaborativos”. In. LOPES, João Teixeira (dir.). *Sociologia: revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. 21. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p.99. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9863.pdf>

SERRELL, Beverly. *Exhibit Labels. An Interpretive Approach*. Walnut Creek: AltaMira Press, 1996.

TRENCH, Lucy. “O Texto nas Exposições do V&A”. In CAMACHO, Clara Frayão (coord.). *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, n.º26. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação, 2007, pp. 10-13.